

“Aproveita pra botar sua fé em prática!”: entre agentes e vivências na Igreja Universal do Reino de Deus

Daniela Ramos Petti¹

Resumo: O artigo é resultado de uma etnografia realizada na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. A autora tem como objetivo, a partir da descrição etnográfica, elucidar como a Teologia da Prosperidade (TP) e a Teologia da Batalha Espiritual (TBE) se materializam nas práticas rituais cotidianas da IURD. No escopo do debate da teoria ator-rede (TAR) latouriana, o artigo descreve e analisa as interações entre os agentes que participam dos rituais, bem como as relações de troca entre os fiéis e o Divino. Em meio às vozes dos múltiplos atores que emergem no texto, é possível compreender os papéis cumpridos pela instituição neopentecostal na vida cotidiana das classes populares brasileiras.

Palavras-chave: Igreja Universal; Neopentecostalismo; Prosperidade; Batalha Espiritual; agentes.

"Enjoy to practice your faith!": among agents and experiences in the Universal Church of the Kingdom of God

Abstract: The article is the result of an ethnography held at the Universal Church of the Kingdom of God (UCKG) in a neighborhood in the Northern Zone of Rio de Janeiro. From the ethnographic description, the author aims to elucidate how the Prosperity Theology (PT) and Spiritual Battle Theology (SBT) materialize in the daily ritual practices of the UCKG. In the scope of the Latour's actor-network theory (ANT) debate, the article describes and analyzes the interactions between the agents participating in the rituals, as well as the exchange relations between the faithful and the Divine. Amid the voices of the multiple actors that emerge in the text, it is possible to understand the roles fulfilled by the Neo-Pentecostal institution in the daily life of the Brazilian popular classes.

Keywords: Universal Church; Neopentecostalism; Prosperity; Spiritual Battle; agents.

Introdução

"Muitas pessoas vão até lá só pra observar também e acabam ficando, porque vêem com os olhos o poder de Deus" (Rose).

Essa é a primeira frase que escuto de Rose, minha principal interlocutora, ao contar-me sobre meu interesse em participar das reuniões da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) de um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, frequentada por ela há dez anos.

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV-Rio).

Surgido em meio a conversas cotidianas com Rose sobre pessoas LGBTs e, conseqüentemente, sobre os conflitos existentes entre os movimentos sociais e as igrejas evangélicas, meu interesse de compreender um pouco como pensam e agem os membros da Igreja Universal despontou sem um norte. Rose trabalha como empregada doméstica de minha casa há tempos, desde antes de meu nascimento. Há vinte anos que desenvolvemos uma relação intensa de afeto e convívio cotidianos. Não há como negar a importante posição que ela ocupa em minha vida, tampouco o impacto dessa relação no presente trabalho. Conversamos sempre sobre muitos assuntos e, desde pequena, escuto relatos sobre sua experiência enquanto pessoa evangélica e participante da Igreja Universal. Deus, Espírito Santo, orações, "descarrego", "espíritos malignos", problemas e curas sempre permearam nossas conversas. Apenas agora, no entanto, e certamente devido às novas experiências que carrego por conta de minha inserção nos movimentos sociais, sinto-me instigada, perturbada e inquieta quanto ao turbilhão de questionamentos, emoções, posicionamentos e formas de existir que emergem da contraposição desses, por assim dizer, dois modos tão desiguais de experimentar a contemporaneidade (FASSIN apud KOPPER, 2014). Experiências tão contrastantes, porém passíveis de contato e críticas mútuas: o das pessoas evangélicas e o dos movimentos sociais.

Identifico-me como uma mulher feminista e militante da desconstrução cotidiana dos gêneros e formas de sexualidade dominantes. Minha empreitada pelos modos de agir e existir dos evangélicos da Universal, portanto, tem sido intensamente marcada por muitas discordâncias que, em muitos momentos, me atingem forte e diretamente. Muitos dizeres - logo, fazeres - provocam-me sentimentos de aflição quando estou dentro da igreja. Um exemplo recorrente ocorre quando associações entre pessoas que sentem desejo por outras do mesmo sexo e a presença de espírito maligno são feitas nas reuniões. Além disso, outra questão tem me inquietado durante esse percurso: a expectativa da conversão. Expectativa essa que se manifesta claramente em Rose, assim como nas pessoas com as quais entro em contato na Igreja. Confesso que fazer trabalho de campo ao lado de alguém que ora para que você seja tocada por Deus não é fácil. Por mais que eu tenha deixado claro para Rose minhas intenções de pesquisa, e que a própria já tenha me reforçado que sabe disso, a expectativa da conversão se mantém e, imagino, sempre se manterá. O medo de quebrar expectativas de uma pessoa tão querida me corroí todos os dias. Muitas vezes, não consigo dizer nada diante de Rose quando ela fala " aproveita, minha filha que você tá indo na Universal pra botar a fé em prática!".

Uma outra face de minha identidade tem relação com a deficiência de que sou portadora. Sou deficiente visual e isso tensiona ainda mais minha relação com ela. Rose crê que eu possa ser curada na Igreja, aliás, eu diria que ela tem certeza. Está sempre buscando, insistentemente, convencer-me de que posso voltar a enxergar por meio do poder de Deus. Demonstro a ela que não tenho muitas esperanças disso. Certa vez, descubro em um diálogo que um homem da Universal havia sido curado de problemas de visão usando a bíblia. Rose decide, então, presentear-me com uma.

Rose: vou te dar uma bíblia de presente que eu fui sorteada na quinta lá na igreja.

Eu: não precisa Rose, eu não enxergo papel, é melhor eu pegar em PDF.

Rose: não, não. Mas a ideia é que você dê uma olhada, você vai folheando, não duvida do poder de Deus! Você tem que folhear a bíblia conversando com Deus e falando que você acredita no poder dele. Não duvida do poder de Deus!

Uma relação marcada pela expectativa da conversão e da cura da parte dela, e por interesses etnográficos de minha parte. Minha informante privilegiada, ciente de meu trabalho, não perde de vista, porém, um de seus objetivos enquanto evangélica, a conversão de outras pessoas. Como lidar com isso? Como não magoá-la? Como não decepcioná-la? "Vinde, permaneci e ide", reporta um dos pastores essa mensagem da bíblia durante uma reunião. Vir até Deus é o primeiro passo, porém não basta, é preciso permanecer, assumir uma "nova vida" na Igreja, para então ir e trazer outros para esse caminho. Normalmente, as pessoas que não "decidem seguir a Deus" não permanecem. As que tomam essa decisão, se convertem. Como lidar com o paradoxo de querer permanecer sem me converter? Trata-se de um permanecer com outro sentido. Eu vim e pretendo ficar. Eis o ambíguo e complicado lugar da etnógrafa na Igreja Universal do Reino de Deus. As notas que se seguem fazem parte de uma etnografia erigida sobre tal relação, eu e Rose.

Gênese e elementos do neopentecostalismo

Na direção contrária à onda de secularização das religiões modernas, profetizada por Weber, o pentecostalismo, diferente de seus herdeiros protestantes, carrega consigo, em seus princípios e práticas, características opostas à noção weberiana de desencantamento do mundo (BIRMAN & MACHADO, 2012). O perceptível caráter magicizante do pentecostalismo, que emerge da ênfase dada por seus praticantes à cura direta por Deus e à presença divina imanente, faz surgir, em pleno século XX, uma religião moderna, perpassada, porém, pela

magia (MARIANO, 1996). As surpreendentes e repentinas curas, possibilitadas pela presença imanente - às coisas - do Espírito Santo, ilustram tal face magicizante sobre a qual muito se fala na literatura sociológica referente ao tema. Tais traços contrastam bastante com a busca histórica da Igreja Católica pela secularização, portanto, pela extinção dos resquícios de magia que marcam a história do catolicismo medieval. Surgido no início do século XX nos Estados Unidos, o pentecostalismo chega a São Paulo em 1910 com a fundação da Congregação Cristã no Brasil, por intermédio de um italiano. Logo depois, é criada a primeira Assembleia de Deus no Pará, hoje a maior denominação pentecostal da América do Sul (MARIANO, 1996). Em meados do século XX, muitas igrejas pentecostais despontam no país com a vinda de missionários norte-americanos (MARIANO, 1996).

Em 1977, nasce no Rio de Janeiro a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), principal expoente da vertente neopentecostal, que surge em meados de 70, e chamada pelo sociólogo Ricardo Mariano de "a multinacional do neopentecostalismo" (MARIANO, 1996:125). Além da Universal de Edir Macedo, a Igreja Internacional da Graça de Deus de R. R. Soares, e a Igreja Sara Nossa Terra são outros grandes exemplos de denominações neopentecostais brasileiras. Na IURD, as reuniões ou cultos são temáticos. Às segundas vida financeira, às terças descarrego, quartas busca do Espírito Santo, quintas vida familiar e sentimental, sextas desmanche, sábados causas impossíveis e domingos, novamente, Espírito Santo. Duas são as principais teologias pregadas e seguidas pelos neopentecostais: a Teologia da Prosperidade e a Teologia da Batalha Espiritual (MARIANO, 1996, 2003). De acordo com a Teologia da Prosperidade, Deus possui promessas e bênçãos para os cristãos, os quais, para alcançá-las, devem fazer uso da palavra.

O termo Confissão Positiva refere-se literalmente à crença de que os cristãos detêm o poder - prometido nas Escrituras e adquirido através do sacrifício vicário de Jesus - de trazer à existência, para o bem ou para o mal, o que declaram, decretam, confessam ou determinam com a boca em alta voz (MARIANO, 1996: 29).

Sendo assim, em meu percurso ao lado de Rose pelos meandros da Universal, a todo instante, observo fiéis "determinando" seus objetivos e metas, principalmente às segundas-feiras - como foi dito, o dia da vida financeira -, enquanto levantam aos céus e colocam no altar seus dízimos e ofertas em dinheiro. Como claro está nas falas dos pastores "tem que dar pra receber". Determinando o sucesso nos negócios, a compra de um carro, de uma casa, o pagamento de dívidas ou a sobra de dinheiro no fim do mês, vejo os fiéis exercendo a fé na

capacidade de Deus de atendê-los, sem perderem de vista a obediência a Ele, tão necessária para que se atinja a prosperidade.

Por que, então, as vidas, ainda assim, são atribuladas por problemas, doenças e obstáculos ao enriquecimento? De fato, o plano material é central para os neopentecostais, o que pode ser visto, por exemplo, na noção de prosperidade financeira como benção dos céus. No entanto, tudo que aqui ocorre é resultado da batalha espiritual incessante entre Deus e diabo, sendo aquele sempre vencedor, a depender da escolha do fiel em segui-lo ou não. Se a quantia em dinheiro para a compra do remédio, do pagamento do aluguel ou a necessária para abertura de um comércio não é alcançada; se a paz no casamento, o bom relacionamento com os filhos ou a cura de doenças também não, é certo que os espíritos malignos fazem-se atuantes nessas vidas. E quanto a isso, a solução é a batalha, o combate, a guerra contra o diabo. Observo a todo momento o empenho dos fiéis e pastores na guerra contra os espíritos malignos, principalmente às terças-feiras - dia do descarrego. Aos berros, vejo todos expulsando qualquer espírito que possa estar alojado em seus corpos, e sentindo-se livres, como sempre reforça o pastor ao final da reunião do descarrego, de qualquer espírito ruim. Essa batalha não pode cessar, eles estão livres apenas hoje, pois o diabo é insistentemente atuante.

É mais ou menos nesse espectro que me insiro hoje. No entanto, não tenho compreendido um pouco melhor tudo isso, em meio ao exercício de redução de meu estranhamento, devido aos textos sociológicos e antropológicos dos quais tenho me suprido durante a pesquisa. Mas sim em função das ações de cada agente ali presente, que se desenrolam diante de meus olhos e com minha participação. Quando digo agente refiro-me, não somente à Rose que ora, determina e expulsa os espíritos ao meu lado toda vez, mas também aos copos, lenços, cartelas, sacolas, óleos, meias, fotos, notas em dinheiro, cajados, dentre outros objetos que, como afirma Latour, também agem (LATOUR, 2012).

Se eu tivesse que escolher uma única palavra para caracterizar a experiência que tenho vivido na Universal, essa seria, eu diria, agência. É preciso que o mito que ronda o imaginário de muitas pessoas acerca da suposta ignorância atribuída aos evangélicos, o qual ecoa, certamente, um terrível preconceito de classe, seja desconstruído. A coincidência quantitativa das variáveis classes populares e prática da religião evangélica, se é que algo informa, deve apenas elucidar que os métodos e princípios dessas igrejas adequam-se, notavelmente, às experiências de sofrimento social pelas quais as populações dos países periféricos passam durante suas vivências em locais, muitas vezes, marginalizados (BIRMAN & MACHADO, 2012). Nada vejo de ignorância e alienação nesse campo. Observo, porém,

agentes dotados de clara consciência em relação a suas ações, objetivos e meios que acionam para alcançá-los. Enxergo, apesar de meus momentos de plena discordância - que se dá de modo estrutural e apriorístico - e de perturbação emocional, pessoas que vivenciam a contemporaneidade de modos muito distintos dos grupos militantes com os quais convivo. No entanto, trata-se de pessoas que compreendem e refutam certas críticas muito recorrentes a suas atuações no mundo. Certa vez, no momento de pedir as ofertas aos fiéis, diz o pastor “posso pedir seu dízimo, sua oferta? Você não é obrigado não. Olha, eu já ouvi aí fora que na Universal os obreiros andam até armados falando 'passa tudo'. Tá com pedaço de pau aí obreira?”.

E todos riem, pastores, fiéis e obreiros - pessoas que possuem a capacidade de expulsar os espíritos malignos, que auxiliam o pastor nas reuniões. Esse momento de ironização coletiva de uma acusação que sempre lhes é feita prova a total clareza que os evangélicos da Universal detêm acerca do que é dito sobre eles, a ponto de fazerem usos estratégicos de tais críticas e, até, piadas das mesmas. A agência dos humanos, todavia, não rouba, nessa etnografia, o protagonismo dos não humanos. Minha relação com Rose não poderia deixar de ser um dos fios condutores dessa narrativa, devido à centralidade da expectativa da conversão e do afeto que perpassa toda essa negociação interpessoal. No entanto, as descrições que se seguem deixarão explícito que tudo que ocorre na Universal depende, em grande medida, da ação assumida (LATOURET, 2012), compartilhada entre não humanos e humanos. Trato aqui todos os não humanos e humanos como actantes, aqueles que agem, impactam e transformam a ação, aqueles que fazem outros fazerem coisas, com objetivo de colocar em pé de igualdade humanos e não humanos, sendo agora essa expressão, carregada de antropocentrismo, pela última vez utilizada.

Agir e testemunhar: mediadores do descarrego e libertação

Eu, uma simples calça jeans e uma blusa branca, que pouco chama atenção, chegamos à Igreja Universal pela primeira vez. Controlando minha apresentação, com a ajuda dessas duas peças de roupa, tento aparentar uma pessoa como outra qualquer. De modo algum escondendo minha identidade de pesquisadora, porém buscando inibir qualquer traço que, por ventura, me destacasse dentre os outros. Desvencilho-me das saias e vestidos coloridos a la juventude latino-americana e das blusas largas despojadas e sigo, de cabelos penteados, com Rose até a Universal. É mais ou menos nesse estilo que permaneço frequentando a Universal durante esses três meses de observação participante. O jeans e a blusa feminina não impedem,

porém, que eu me destaque. Muitos perguntam à Rose e à sua filha, que também participa da Igreja, quem sou eu. Normalmente, Rose responde que sou sua filha do coração.

Rose: tavam perguntando lá na igreja se você era estrangeira.

Eu: eu? Estrangeira? Que vergonha!

Rose: é, foram perguntar pra Carla se você era de fora, se não falava português.

Realmente, ali sou estrangeira. Pura ingenuidade de minha parte achar que passaria despercebida. Estranham-me, assim como os estranhos, e essa sensação se agrava nos momentos rituais mais intensos. Um enorme salão, tanto em termos de comprimento, como de largura, paredes brancas e lisas com sutis detalhes marrons, sem a pomposidade da decoração que se costuma encontrar nas igrejas católicas. Dois grandes aglomerados de cadeiras - separadas por pilastras redondas e brancas - viradas de frente para o púlpito, local em que os pastores apoiam a bíblia. À frente, o altar com a cruz iluminada pela cor azul, uma mesa, cadeiras grandiosas e belas, além dos clássicos dizeres que podem ser vistos em toda Igreja Universal: "Jesus Cristo é o Senhor" em dourado. É nesse espaço que tudo ocorre na Universal que frequentei, inclusive o ritual do descarrego das terças-feiras.

Corrente do copo. A Universal promove várias correntes ou propósitos, que não possuem períodos regulares de duração - podendo durar três, quatro, sete, nove semanas -, nas quais, normalmente, objetos ganham centralidade. Na corrente do copo, copos de plástico de diversas cores fazem-se protagonistas. Todos ficamos de pé em frente ao altar, bem próximos ao pastor e ao púlpito. O pastor nos manda assoprar bem forte no copo, para que todo o mal presente em nós passe para o interior do mesmo. Todos o fazem, inclusive eu - não com tanta intensidade como os outros. O copo acolhe todo o mal que possa estar em nossos corpos. Posteriormente, o pastor pede para que coloquemos os copos em cima do altar, e nós o fazemos. As luzes se apagam, o pastor começa a orar por todos, e pede para que fiquemos leves. É o momento do descarrego, momento esse tão conhecido na Universal, e fora dela, pelo nome de exorcismo. O pastor pronuncia dizeres em oração, estimulando qualquer espírito maligno a se "manifestar" naquele momento.

Você que teve seu nome colocado na cachoeira, na mata virgem, na encruzilhada. Você que teve seu nome colocado na boca do sapo, em nome de Jesus, que todo o mal que esteja encubado aí saia agora! Qualquer espírito maligno, manifesta aí agora! Eu tô mandando! Manifesta aí agora! (Pastor)

Enquanto ora, o pastor pisa com muita força nos copos, como forma de destruir, de fato, todo o mal que o copo abriga naquele momento. Ele pergunta se alguém está se sentindo mal durante a oração, já que esse é um dos indícios da presença de espíritos malignos. Um homem diz que sim, e o obreiro dirige-se até ele para orar com as mãos em sua cabeça, dizendo "queima senhor, queima todo o mal que está nessa pessoa!".

O pastor pede para que passemos as mãos pelos braços, pernas e cabeças para que o mal seja queimado. Vejo todos passando com muita intensidade as mãos por todo o corpo, e escuto a voz coletiva a dizer "queima senhor, vai queimando, vai queimando!".

Crio grandes expectativas de que veria na minha frente, finalmente, um espírito maligno manifestar-se em um fiel. Confesso que fico tensa e não consigo fechar os olhos. Acompanho o ritual de olhos abertos, diferentemente das outras pessoas. No entanto, nenhum espírito se manifesta. Os copos estão no altar destruídos, e junto com eles, todos os males.

Nas reuniões do descarrego, os fiéis buscam se libertar de qualquer espírito maligno que possa estar perturbando suas vidas. Muitos são os sintomas da presença desses espíritos, do diabo, do "devorador". Na verdade, eu diria, tudo de ruim é atribuído ao diabo, insônia, dor de cabeça, depressão, falta de dinheiro, cansaço excessivo, desentendimento familiar e, o que mais me incomoda, o "homossexualismo". A ação de objetos, como copo, torna a libertação mais eficiente. O copo, nesse caso, enquanto um mediador (LATOURE, 2012), faz com que os fiéis depositem toda fé ao transplantarem, por meio do assoprar, os males que lhes acometem. O copo também age, faz com que os fiéis ajam e suscita toda a fé do pastor, no momento em que são destruídos por meio do pisar.

O óleo. Não é somente o copo que age nas reuniões do descarrego. Após a última semana da corrente do copo, descubro outros mediadores do descarrego. O óleo é um deles. Na Universal os pastores e obreiros costumam "ungir" as mãos dos fiéis, ou os locais corporais que sentem dor, com óleo "consagrado", ou seja, óleo que já tenha sido "apresentado para Deus". Isso ocorre em muitos momentos, inclusive nas reuniões do descarrego, quando vamos todos até o altar a pedidos do pastor.

Pastor: eu quero que vocês venham aqui pra eu ungir a mão de vocês e quando vocês voltarem pro lugar a gente vai começar a oração do descarrego, vocês vão colocar as mãos no alto da cabeça e, em nome de Jesus, todo o mal que está aí vai sair, amém pessoal?

Todos: amém!

Pastor: aí você me diz, "mas pastor o médico já disse que não tem mais jeito, mas pastor meu filho tá há muito tempo na boca de fumo". Tudo é possível ao que crê!

Mãos ungidas, todos em seus lugares novamente. O pastor pede para que as pessoas que estejam passando por um problema há muitos anos se dirijam à frente. Eu e Rose permanecemos no lugar. Aos poucos, muitas pessoas se encaminham para o altar, na medida em que o pastor exemplifica os problemas duradouros sobre os quais fala. Problemas familiares, de saúde, dívidas, dores. Percebo que os exemplos vão contemplando muitos fiéis, fazendo com que as pessoas se dirijam à frente. Apenas uma minoria permanece nos lugares originais. Todos apostos, então, com as mãos ungidas no alto da cabeça. Uma leve música se inicia. O pastor começa a fazer uma oração que se harmoniza com a música. Oração, por enquanto, leve. Ele louva ao Senhor, conversa com Ele, e se utiliza de palavras de amor e reverência, dizendo "consagra essas mãos, Senhor. Te pedimos, Pai!".

O pastor refere-se às nossas mãos ungidas que, de fato, têm poder nesse momento, devido ao óleo que nelas se encontra. O óleo carrega em si a presença de Deus, configurando-se como ator e não como mero símbolo divino. A ação do descarrego é assumida (LATOURE, 2012) pelo óleo, pelo pastor, pelos fiéis, por Deus e por outros elementos que circulam nesse espaço, os quais fazem parte das associações que se forjam durante a reunião. Associações essas que promovem a cura, a libertação.

Todos oram, conversando com Deus. Sinto-me sozinha, ao perceber que somente eu não possuo um interlocutor nesse momento. Repentinamente, uma música de suspense irrompe no ambiente e o descarrego tem início. A oração tem seu tom alterado, torna-se mais "forte", combativa, nos moldes da Teologia da Batalha Espiritual. O pastor fala "você, espírito, que está fazendo com que essa pessoa tenha vontade de se matar, que está fazendo com que ela sinta desejo por alguém do mesmo sexo, você espírito pode vir agora. Vamos!".

Escuto um grito agudo. Trata-se da mesma moça que passa mal todas as terças. Os obreiros a socorrem e oram com as mãos em sua cabeça.

Pastor: queima senhor, queima todo o mal que está nessa senhora. Queima Jesus! Diga... em nome de Jesus, retire a mão da cabeça, e diga...
 Todos: SAI!

Todos tiramos as mãos oleadas da cabeça e as lançamos fortemente para trás.

Pastor: e todo o mal...
 Todos: SAI!
 Pastor: toda dor, todo o espírito...
 Todos: SAI!
 Pastor: mais uma vez, em nome de Jesus...
 Todos: SAI!
 Pastor: vocês estão livres.

Todos: Amém!

Estão todos livres, com as almas salvas por hoje, porque a luta pela salvação se segue a cada dia. Mãos secas, sem o óleo, não proporcionariam tal estado de cura. O óleo que ali se impõe, dotado do poder de Deus, tem a capacidade de praticar o descarrego, o exorcismo, libertando, portanto, os fiéis. É essa concatenação de actantes, que compartilham a ação do descarrego, que permite à etnógrafa compreender os sentidos do ritual e a efetividade da libertação. Após a cura, vem o "testemunho". Pastor: quem chegou aqui se sentindo mal e agora está bem? Uma senhora levanta a mão.

Pastor: "o que a senhora estava sentindo?"

Senhora: "dor de cabeça."

Pastor: "e agora, passou?"

Senhora: "passou toda. To me sentindo melhor."

Pastor: "palmas pra Jesus, gente."

E as palmas resplandecem. O testemunho consiste em tornar pública alguma transformação que Deus tenha feito na vida do fiel. Os testemunhos variam em escala, desde a senhora que tem sua dor de cabeça findada por intermédio de Deus, como fica claro nas descrições, ao "ex-trafficante" ou "ex-viciado" que têm suas vidas transformadas completamente ao entrarem para a igreja, abandonando o tráfico e as drogas. O fiel deve expor tais mudanças consideradas positivas a todos, por meio do testemunho. O testemunho consolida o que se é hoje, a partir da menção ao estado de vida anterior e à transformação proporcionada pela fé. É por isso que são comuns na Universal as figuras do "ex-bandido", "ex-presidiário", "ex-viciado", prefixo que, pelo que percebo, muitas vezes corrobora a autoridade do pastor. Quando os pastores relatam seus passados e tecem as comparações entre o que eles eram e o que agora são - após o ingresso na igreja e o exercício da fé -, suas palavras ganham maior legitimidade. Palavras advindas de quem já experienciou uma vida longe de Deus, portanto, alguém que sabe como é sofrer, e que hoje pode afirmar com maior segurança que a vida cristã é muito melhor. Intrigada com a centralidade desse falar sobre si após uma mudança, logo depois de ter visto Rose dar um testemunho na reunião, busco compreender melhor seus sentidos e motivações enquanto seguimos, Rose e eu, para o ponto de ônibus.

Eu: "mas por que você teve que falar lá na frente sobre isso?"

Rose: "não adianta receber e não contar."

Eu: "por que não?"

Rose: "tem que contar, mostrar pra Deus!"

Maria, mãe de três filhos, certo dia é posta para fora de casa, junto às crianças, por seu marido que passa a se interessar por outra mulher. Enquanto sofre por estar morando na rua, devido à anterior situação de dependência financeira, Maria decide juntar um pouco do dinheiro que consegue arrecadar na rua para comprar uma máquina de fazer pães de queijo, fazendo disso seu sustento. Maria faz um propósito na igreja, ofertando uma quantia em dinheiro que faz muita falta a seus filhos. Mesmo assim, ela segue com o propósito. Seus pães de queijo fazem um grande sucesso e Maria prospera, compra um apartamento, abre seu próprio negócio de produção de pães de queijo, e hoje ela mora em uma enorme mansão. Perplexa, escuto Rose relatar esse testemunho de prosperidade enquanto caminhamos até a igreja. Percebo o quão rápido uma narrativa homogênea, unívoca e contínua se coloca para mim em forma de testemunho nesse momento. Uma experiência de sofrimento social e posterior recuperação, possivelmente fragmentada e complexa, traduz-se via testemunho como algo autônomo, pautado pela comparação entre o antes e o depois. O testemunho, então, também age, já que fortalece a fé dos fiéis, fazendo com que eles se engajem nos propósitos e forneçam novas narrativas sobre si. A narrativa do testemunho, muitas vezes, desenvolve-se conforme a estrutura do antes-e-depois, marcada por uma mudança brusca de estado, sendo as de prosperidade financeira muito recorrentes nas conversas que tenho com Rose.

A vida material dos fiéis, como já foi dito, coloca-se como uma grande preocupação da Universal, a ponto de haver um dia de reuniões na semana dedicado a tal questão. Assim como a cura de doenças e a resolução de conflitos familiares, a conquista da prosperidade exige fé e esforço na busca de uma nova vida. A corrente do copo, o agir do óleo, o propósito da água, tudo isso, porém, deve ser acompanhado de um comprometimento muito central: o dízimo.

Ofertas e dízimo: o dinheiro e as relações de troca na busca pela prosperidade

Pastor: e você?

Eu: então, na verdade, não sou cristã. Eu tô aqui porque faço Ciências Sociais e tenho me interessado por estudos de religião, principalmente, sobre neopentecostalismo.

Pastor: você sabe o que é neopentecostalismo?

Eu: sim.

Pastor: o que?

Fico nervosa por não saber como dar uma definição.

Eu: pode falar.

Pastor: posso falar? São as igrejas que pregam a prosperidade.

Eu: Ah, teologia da prosperidade!

Pastor: isso. Então vem na segunda que vai ajudar até nos seus estudos.
Eu: vou tentar.

Aproveito o momento em que o pastor tenta me convencer a comparecer à reunião de segunda-feira, para contar-lhe sobre minha identidade. Além de demonstrar a estratégia acionada pelo pastor para persuadir-me a participar da reunião de segunda, esse diálogo apresenta uma definição nativa, rápida e imediata, de neopentecostalismo que, em uma palavra, direciona minha atenção para outros actantes de extrema importância. O dinheiro, o dízimo e as ofertas. Não volto minhas atenções para o dinheiro, pelo fato de a prosperidade pregada pela Universal ser, necessariamente, relacionada à vida material. O dinheiro torna-se importante pelas relações de troca que existem entre fiéis e Deus.

Pastor: "posso pedir sua oferta?"
Todos: "sim."
Pastor: "está escrito que para receber é preciso o que?"
Todos: "dar."

Ao final de todas as reuniões, o pastor pede as ofertas e os dízimos dos fiéis. Qualquer quantia em oferta pode ser dada, desde moedas a notas de cem reais. O dízimo, como se sabe, equivale a dez por cento do salário do fiel. O dinheiro, imerso como um elemento dessas relações de troca, percorre o dar, o receber e o retribuir de uma forma ativa, na medida em que a quantia oferecida a Deus pelo fiel condiciona a grandeza da retribuição que é, posteriormente, oferecida por Deus ao doador. Marcel Mauss escreve no *Ensaio sobre a dádiva* que "os deuses que dão e retribuem estão aí para dar uma coisa grande em troca de uma pequena" (MAUSS, 2013: 33). Tal retribuição grandiosa, que se faz sempre presente em frases como "Deus devolve em dobro", pode ser notada em muitos momentos de entrega de dízimos e ofertas. A quantia em dinheiro, via oferta, opera um ato de dar que exige um receber. O dar implica e institui que dinheiro algum é mais valioso que Deus. O dinheiro dado torna o fiel sócio de Deus. Sua expressão em termos de quantidade determina o que o fiel receberá como retorno. Instaura-se, portanto, uma relação de obrigação. Deus e fiel obrigados um ao outro, por meio do laço da troca. De tamanha complexidade, a troca é perpassada por outros sentidos, para além do que reflete a obrigação e o compromisso. Isso fica muito claro nas ocasiões em que o pastor discorre explicitamente sobre o momento da entrega da oferta ou do dízimo.

Pastor: posso pedir a sua oferta?

Todos: sim!

Pastor: "pastor, eu sou obrigado a dar?" Não! Se você não quer dar, não precisa. Mas pensa, tudo que você recebe de Deus é sempre maior do que damos.

É evidente que, "busca-se em tudo isso mostrar liberalidade, liberdade e autonomia, e ao mesmo tempo, grandeza. Mas, no fundo, são mecanismos de obrigação, e mesmo de obrigação pelas coisas, que atuam" (MAUSS, 2013:42-3). A autonomia e a liberdade, relacionadas ao ato de dar, mostram-se como uma constante preocupação para alguns pastores. Obrigação e liberalidade, de certa forma, conformam a opção de dar ou não a oferta, assim como a escolha pela quantidade de dinheiro a ser oferecida pelas pessoas. O dinheiro, instituidor da relação e provocador da necessidade da retribuição, atua junto às pessoas. Esse é o instante no qual " as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca" (*Op. Cit.:* 38). O dinheiro carrega consigo quase que uma virtude que obriga à retribuição por parte de Deus. Quando o fiel recebe de Deus o que "determinou" ao dar, segue-se o testemunho. "Ao aceitá-lo, porém, a pessoa sabe que se compromete" (*Op. Cit.:*73). O ciclo das prestações e contra-prestações faz-se constante.

Para além do dinheiro, outros elementos intervêm enquanto mediadores da prosperidade. A corrente da aliança, que tem como foco os projetos financeiros dos fiéis, abarca sete segundas-feiras. Esse nome faz referência à famosa arca da aliança, que remete a uma arca presente nos relatos bíblicos, cuja versão replicada atual encontra-se no Templo de Salomão em São Paulo. A réplica da arca está percorrendo as Universais de outros estados do país, e durante sete semanas permanece no Rio de Janeiro. Dessa corrente também participa uma cartela que contém sete espaços correspondentes às segundas-feiras de cada uma das sete semanas, onde os fiéis devem colar pequenos papéis distribuídos na entrada das reuniões. Os papéis atestam a presença nas datas demarcadas pelos espaços vazios - datas de duração da corrente. Além disso, podem ser vistos na cartela os dizeres "meu projeto financeiro", seguidos de linhas, nas quais as pessoas devem escrever seus projetos de prosperidade material. Ao final de cada reunião, a arca realiza uma entrada triunfal pelo espaço da igreja.

As luzes se apagam e o pastor pede total reverência à arca, pois "quando a arca entra, é Deus que está entrando adiante de você". O pastor pede, inúmeras vezes, que coloquemos nossas cartelas na direção da arca durante todo seu percurso de entrada. Todos o fazemos enquanto os sacerdotes entram, ao som de uma música de devoção, marchando em trajes brancos com a arca sobre seus ombros. Sinto um estranhamento em relação à forma marcha,

porém Rose me esclarece, dizendo que o marchar com a arca por sobre os ombros está registrado na bíblia. A arca é posta em uma mesa logo abaixo do altar, ao lado de um foco de luz. O pastor sobe no altar, colocando-se por detrás e acima da arca, ao lado do único foco de luz naquele espaço que a ilumina. As pessoas cantam enquanto apontamos nossas cartelas do projeto financeiro em direção à arca que, segundo o pastor, é a presença do Espírito Santo. As cartelas apresentam os projetos financeiros dos fiéis ao Espírito Santo, na medida em que nossas mãos as erguem na direção da arca. A arca enquanto presença de Deus faz com que mobilizemos as cartelas, cuja função consiste em apresentar as determinações de todos que ali estão em busca das promessas de Deus. Por fim, com as luzes já acesas, levantamos nossas bolsas, carteiras e mochilas aos céus, como de costume, consagrando os suportes dessas vidas materiais, com vistas à prosperidade.

Assim como a ação compartilhada pelo copo, pelo óleo e pelas pessoas ilumina a compreensão dos sentidos do descarrego, a ação assumida pela arca, pela cartela, pelo dinheiro e pelas pessoas informa acerca dos modos pelos quais a prosperidade é buscada e alcançada. Analisar o papel do dinheiro nas reuniões da Universal exige o abandono de uma perspectiva utilitarista, ao priorizar o entendimento do dinheiro como mediador da relação com o sagrado (SILVA, 2006; BAPTISTA, 2007). O dinheiro assume então um lugar de ação em meio ao conjunto de outros elementos que compõem os momentos rituais da Universal, sendo a Teologia da Prosperidade e a Teologia da Batalha Espiritual bases do cotidiano prático da IURD.

Considerações Finais

A partir da relação travada entre Rose e eu, tento transmitir um pouco do que vivencio durante essa pesquisa nas reuniões da Igreja Universal. É certo que, depois de negociações e manejo das formas de apresentação do *self*, exponho apenas um recorte em movimento do que é feito na e pela Universal. Recorte esse totalmente impactado pela perspectiva não antropocêntrica que busco olhar para o cenário da igreja, assim como pelos sentimentos que permeiam a relação entre mim e a fiel que me acompanha e me esclarece a todo instante. Tanto a nova perspectiva assumida, como os sentimentos relacionados à Rose, impõem-me como missão a desconstrução de certos estereótipos cunhados acerca dos fiéis e das interações entre esses e os pastores no âmbito das igrejas evangélicas, especialmente, da IURD.

A partir da observação participante e do relato etnográfico, tento nesse artigo explicar ao leitor as duas principais teologias praticadas pela Igreja Universal do Reino de

Deus: a Teologia da Prosperidade e a Teologia da Batalha Espiritual. Muito já se falou em termos teóricos sobre tal conjunto de teologias. O objetivo desse artigo consiste em descrever como tal conjunto é praticado cotidianamente pelos agentes envolvidos nos espaços de culto da IURD. Entender seus rituais, relações de troca e a mescla de discursos e práticas, facilita a compreensão do lugar social da Universal no Brasil atual, tendo em vista as funções de seu conjunto de teologias nas vidas cotidianas das classes populares que, como ressaltado na introdução, vivenciam experiências de sofrimento social nas periferias urbanas.

Sobre os próximos locais de campo, não tenho como saber. A extensão dessa pesquisa exigirá negociações muito mais densas e uma busca incessante por contatos envolvidos no meio em questão. O que sei é que Rose continua atuando ativamente, enquanto interlocutora e facilitadora dos caminhos a serem seguidos nesse percurso. Sei também que o encontro de dois modos de vivenciar a contemporaneidade produz uma intersubjetividade, que trabalha em um constante deixar-se afetar (FAVRET-SAADA, 2005).

Eu: vai à igreja hoje?

Rose: vou. Agora é diferente falar da igreja com você, depois que você começou a ir comigo.

Eu: é né? Antes eu escutava igreja como algo abstrato, agora não.

Referencias

BAPTISTA, José Renato. Os deuses vendem quando dão: os sentidos do dinheiro nas relações de troca no candomblé. v.13, n.1. Rio de Janeiro: **Mana**, 2007.

BIRMAN, Patrícia; MACHADO, Carly. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. V. 27, n.80. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2012.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. N.13. São Paulo: **Cadernos de Campo**, 2005.

KOPPER, Moisés. Nos limites da intervenção: a antropologia crítica de Didier Fassin. V.20, n.2. Rio de Janeiro: **Mana**, 2014.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador-Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.

MARIANO, Ricardo. Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais. V.4, n.4. Porto Alegre: **Debates do NER** (UFRGS), 2003.

MARIANO, Ricardo. Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada. n.31. São Paulo: **Revista USP**, 1996.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a Teologia da Prosperidade. V.44, n.44. São Paulo: **Novos Estudos CEBRAP**, 1996.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** Cosac Naify, 2013.

SILVA, Drance Elias da. **Neopentecostalismo, dinheiro, dádiva e representação social do divino.** V.3, n.3. Pernambuco: Interações- Cultura e Comunidade, 2008.